

OURO PRÊTO

MINAS GERAIS



FUNDAÇÃO IBGE
INSTITUTO BRASILEIRO DE ESTATÍSTICA

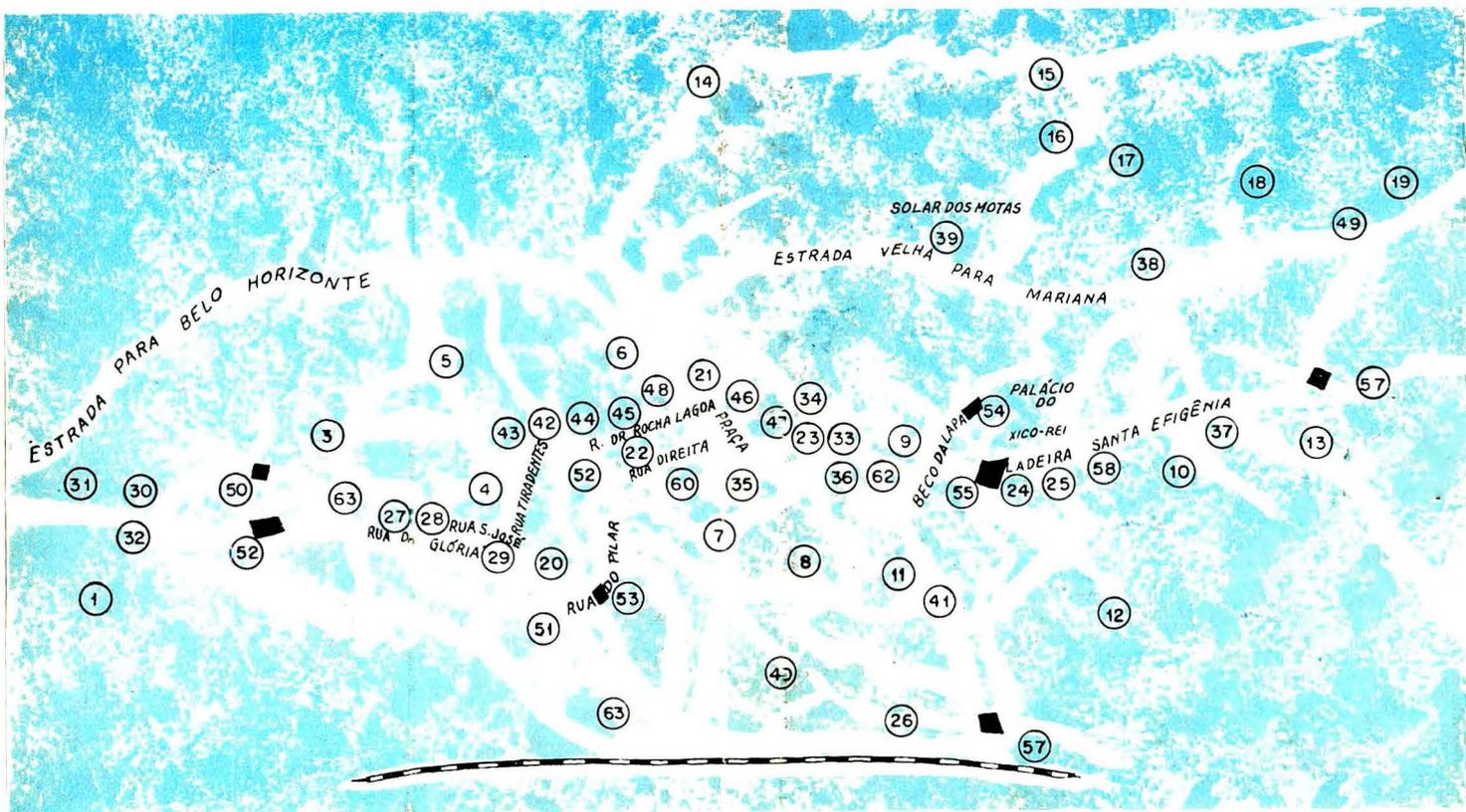
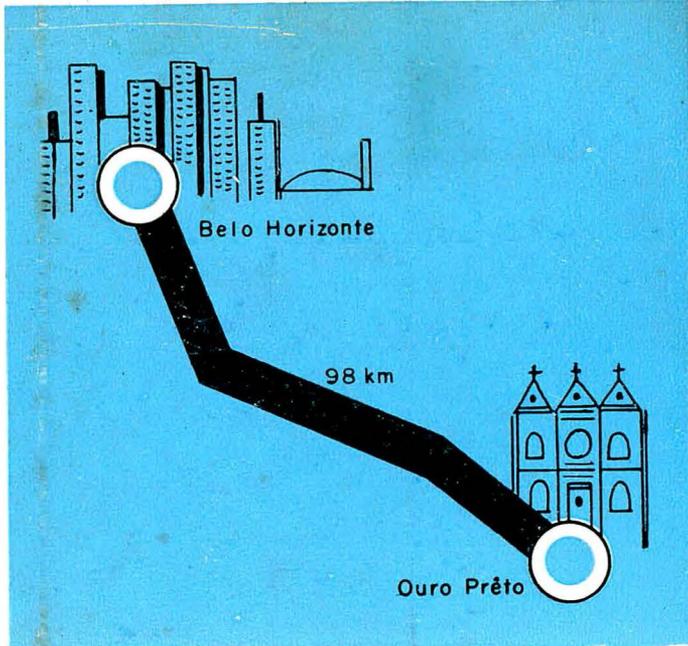
PLANTA DA
C I D A D E



OURO PRÊTO LEGENDA

- 1 Senhor de Matosinhos
- 2 Pilar
- 3 Rosário
- 4 São José
- 5 S. F. de Paula
- 6 N. S.ª das Mercês
- 7 N. S.ª do Carmo
- 8 São Francisco
- 9 Antônio Dias
- 10 Santa Efigênia
- 11 Mercês de Baixo
- 12 N. S.ª das Dóres
- 13 Padre Faria
- 14 São Sebastião
- 15 São João
- 16 Santa Ana Maior
- 17 Santa Ana
- 18 Piedade
- 19 Taquaral
- 20 Senhor do Bonfim
- 21 Escola de Minas
- 22 Chafariz dos Contos
- 23 Chafariz Antônio Dias
- 24 Chafariz de Marília de Dirceu
- 25 Chafariz do Vira e Sai
- 26 Chafariz da Barra
- 27 Passo da Ponte Seca
- 28 Casa do Dr. Paracatu
- 29 Chafariz da Glória
- 30 Chafariz do Além-Caquende
- 31 Chafariz do Alto das Cabeças

- 32 Chafariz de Matosinhos
- 33 Passo Antônio Dias
- 34 Pratório de N. S.ª do Bom Des-
tacho
- 35 Museu
- 36 Solar do Dr. Cláudio M. da
Costa
- 37 Chafariz do Padre Faria
- 38 Chafariz do Areão
- 39 Solar dos Motas
- 40 Força
- 41 Chafariz Felipe dos Santos
- 42 Solar dos Guimarães
- 43 Solar do Conselheiro Amaral
- 44 Casa dos Contos
- 45 Hotel
- 46 Forum
- 47 Casa dos Ouvidores
- 48 Chafariz das Flores
- 49 Chafariz das Águas Férreas
- 50 Ponte Dumont
- 51 Ponte do Caquende
- 52 Fonte dos Contos
- 53 Ponte dos Filares
- 54 Ponte da Encardideira
- 55 Ponte de Marília
- 56 Ponte da Barra
- 57 Ponte Padre Faria
- 58 Nicho do Vira e Sai
- 59 Solar de D. Manuel
- 60 Ópera
- 61 Casa de Aleijadinho
- 62 Ponte da Estação
- 63 Fonte do Rosário



OURO PRÊTO

MINAS GERAIS

ASPECTOS FÍSICOS

Área: 1.194 km² (1965); altitude da sede: 1.150 m; temperaturas médias, em °C: das máximas, 29; das mínimas, 6.

POPULAÇÃO

37.279 habitantes (estimativa do Laboratório de Estatística do IBE, para 1.º-7-967); densidade demográfica: 31 habitantes por quilômetro quadrado.

ASPECTOS ECONÔMICOS

2.582 imóveis rurais, 80 estabelecimentos industriais, 152 varejistas e 1 atacadista; 6 agências bancárias e 2 de caixas econômicas.

VEÍCULOS REGISTRADOS

Na Prefeitura Municipal, em 1966 — 207 automóveis, 193 utilitários, 238 caminhões, 29 camionetas para passageiros e 64 para carga, 14 basculantes, 21 ônibus e 24 não especificados.

ASPECTOS URBANOS

2.572 ligações elétricas, 398 aparelhos telefônicos, 7 hotéis, 2 pensões, 14 restaurantes, 88 bares e botequins.

ASSISTÊNCIA MÉDICA

1 hospital com 136 leitos; 8 médicos, 11 dentistas, 4 enfermeiros, no exercício da profissão; 10 farmácias e drogarias.

ASPECTOS CULTURAIS

Cidade Monumento Nacional — Arte Barroca — museus de arte, 10 bibliotecas, 2 escolas superiores, 65 unidades escolares de ensino primário comum, 6 de ensino médio; 2 tipografias, 2 livrarias, 1 jornal, 1 revista, 1 teatro, 4 cinemas e 1 radiotransmissora.

ORÇAMENTO MUNICIPAL PARA 1968

Em milhões de cruzeiros novos — receita prevista: 2,7; despesa fixada: 2,7.

REPRESENTAÇÃO POLÍTICA

13 vereadores em exercício.

Texto de Rilza Saldanha e diagramação de Carlos Cesar Fernandes de Aguiar, ambos da Diretoria de Documentação e Divulgação do IBE. Foto da capa: Igreja de S. Francisco de Paula.

Capela Padre Faria



HISTÓRIA

Deve-se ao espírito intrépido e aventureiro dos bandeirantes paulistas o início do povoamento de Minas Gerais em fins do século XVII. Os sertões das Gerais, que viriam integrar o território do país em formação, atraíam então inúmeras expedições, em busca de ouro e pedras preciosas, ou de índios para o trabalho escravo em São Paulo.

Com o propósito de aprisionar indígenas, partiu de Taubaté, por volta de 1694, uma expedição rumo ao sertão dos Cataguases. Fazia parte do grupo o mulato Duarte Lopes, que já havia trabalhado nas minas de Paranaguá e Curitiba. A expedição acampou no local denominado então Sêro do Tripuí. No tôpo de uma daquelas montanhas elevava-se uma pedra enorme e, logo abaixo, outra menor. Era o Itacolomi, que iria depois servir de ponto de referência para o reencontro do sítio onde Duarte Lopes descobriu, por obra do acaso, o ouro da região.

Duarte Lopes desceu do alto do Tripuí para beber água no córrego hoje denominado Antônio Dias e, conforme conta Antônio, “metendo a gamela na ribanceira para tirar a água e roçando-a pela margem do rio, viu que nela depois ficaram uns granitos da côr do aço, sem saber o que eram, e nem os companheiros”. Levados êsses granitos negros para Taubaté, foram vendidos a um certo Miguel de Sousa, que os mandou depois ao Governador do Rio de Janeiro, Arthur de Sá e Meneses. Examinados, verificou-se tratar-se de “ouro finíssimo”, ouro prêto.

No entanto, agora restava apenas um marco para o ouro do Tripuí: o pico do Itacolomi. Diversas bandeiras o procuraram avidamente sem conseguir, no entanto, localizá-lo. Coube a Antônio Dias de Oliveira a sorte de defrontá-lo no dia 24 de junho de 1698. Sua expedição havia chegado ali na véspera, ao anoitecer, e ao instalar o acampamento, seus componentes não suspeitavam que estavam diante do pico descrito por Duarte Lopes, oculto àquela hora pelas nuvens que habitualmente o escondem. Ao amanhecer, o Itacolomi surgiu no outro lado do vale, nitidamente desenhado contra o céu limpo. “Foi nessa madrugada”, diz Diogo de Vasconcellos, “que realmente se fixou a era cristã das Minas Gerais”.

Enviada a notícia para Taubaté, chegaram no ano seguinte ao sêro do Tripuí novos bandeirantes. Acompanhava-os o padre João de Faria Fialho, que rezou, numa capela de palha dedicada a São João, a primeira missa do nascente povoado, para

onde começou, daí por diante, a afluir grande número de aventureiros.

De 1700 a 1701 a fome grassou entre aquêles homens avidamente entregues à extração do ouro, única atividade em que se ocupavam. Muitos dêles, então, deixaram as minas do Tripuí e partiram em busca de novas descobertas. Antônio Dias de Oliveira e o padre João de Faria também abandonaram suas datas e não mais regressaram.

Em 1704, Pascoal da Silva Guimarães, mascate português procedente do Rio das Velhas, onde havia enriquecido, iniciou, na serra por onde passa hoje o caminho das Lajes, a mineração pelo processo de lavagem do barranco. O ouro, da melhor qualidade, surgiu ali em abundância, como terra. Novas levas de aventureiros ávidos invadiram o local, povoando-o rapidamente.

De 1707 a 1709, as minas viveram dias de grande agitação. Os paulistas revoltaram-se contra a concessão de terras e minas aos emboabas, como denominavam os portugueses, e aos brasileiros do Norte, alcunhados de baianos. Êsses dois grupos deram origem à Guerra dos Emboabas. Após inúmeras lutas, que tumultuaram os povoados das Minas, coube, finalmente, a vitória aos portugueses.

Treze anos depois da chegada da bandeira de Antônio Dias de Oliveira ao Sêrro do Tripuí, era já considerável o progresso do arraial das Minas, surgindo assim a necessidade de sua elevação à categoria de vila. No dia 8 de julho de 1711, Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, Governador da Capitania de São Paulo e Minas de Ouro, criava a Vila Rica de Albuquerque. Pouco depois, êsse nome foi simplificado para Vila Rica, conforme ordem do Govêrno de D. João V, que não concordou com a denominação, dada sem prévia licença régia.

Por volta de 1720 entrava Vila Rica em fase de grande prosperidade quando foi abalada por violentos distúrbios. A 11 de fevereiro de 1719, D. João V criou, no distrito das Minas, as casas de fundição, onde todo o ouro extraído tinha que ser fundido, para sofrer então uma dedução correspondente ao quinto para a Coroa, às despesas de fundição e a outras taxas. A Lei de D. João V proibia, também, a circulação do ouro em pó. Êste nôvo sistema de cobrança dos quintos provocou entre os habitantes da vila uma revolta, que foi abafada pelo Conde de Assumar, então Governador da Capitania. Felipe dos Santos, chefe dos revoltosos, foi prêso, julgado sumariamente, enforcado e esquartejado. O próspero arraial do Ouro Podre, pertencente a Pascoal da Silva, foi inteiramente incendiado.

Mas a fôrça do ouro, que aflorava fácil e abundante, continuou a impulsionar o progresso rápido de Vila Rica.

Ao fundo, Igreja de N. S.^a do Carmo

Em 1789, causou descontentamento geral no povo a chegada do Visconde de Barbacena, que ali fôra com o propósito de proceder à cobrança dos quintos, cujo déficit era já superior a 500 arrôbas de ouro. O lançamento da derrama deu origem à revolta que passou à história com o nome de Inconfidência Mineira. O grupo de conspiradores, composto de homens cultos e influentes, e que tinha no Alferes Joaquim José da Silva Xavier — o Tiradentes — seu mais ardoroso adepto, foi traído e denunciado pelo Coronel Joaquim Silvério dos Reis. Presos os chefes do movimento, Tiradentes foi enforcado e esquartejado no Rio de Janeiro e sua cabeça exposta num poste em Ouro Preto, na praça que tem atualmente seu nome. Outros elementos do grupo, entre os quais se encontrava o poeta Tomás Antônio Gonzaga, foram degredados para a África; Cláudio Manuel da Costa suicidou-se na prisão da Casa dos Contos e os sacerdotes cumpriram sentença em conventos de Lisboa.

No início do século XIX, a extração do ouro, que há muito vinha decrescendo, entrou em decadência. Vila Rica começou, então, a voltar-se para outras fontes de riqueza da região. Em 1811, Eschwege inicia, com amparo oficial, a construção da fábrica de ferro do Prata, no distrito de Congonhas do Campo, então Município de Ouro Preto, a qual entrou em funcionamento em 1812. Nessa mesma época existia em Ouro Preto uma manufatura de

faiança, que mereceu de alguns observadores estrangeiros (Saint-Hilaire e Mawe) os melhores elogios. Esta indústria, no entanto, desapareceu. Mas a siderurgia e outros ramos industriais se desenvolveram e mantiveram sempre o equilíbrio da economia do Município.

Declarada a independência do Brasil, Vila Rica foi elevada, por decreto de 24 de fevereiro de 1823, a cidade Capital da Província de Minas Gerais. A carta imperial de 20 de março do mesmo ano confirmou aquêle decreto, mudando-lhe o nome para Ouro Prêto e conferindo-lhe o título de Imperial Cidade.

Ouro Prêto permaneceu como sede do Govêrno de Minas até 12 de dezembro de 1897, quando a Capital foi transferida para Belo Horizonte.

Festejou em 8-VII-1961, seu 250.º aniversário.

O Decreto federal n.º 22.928, de 12 de julho de 1933, declarou Ouro Prêto monumento nacional.

O Município é constituído de 11 distritos: Ouro Prêto, Amarantina, Antônio Pereira, Cachoeira do Campo, Engenheiro Correia, Glaura, Miguel Burnier, Santa Rita do Ouro Prêto, Santo Antônio do Leite, São Bartolomeu e Rodrigo Silva.

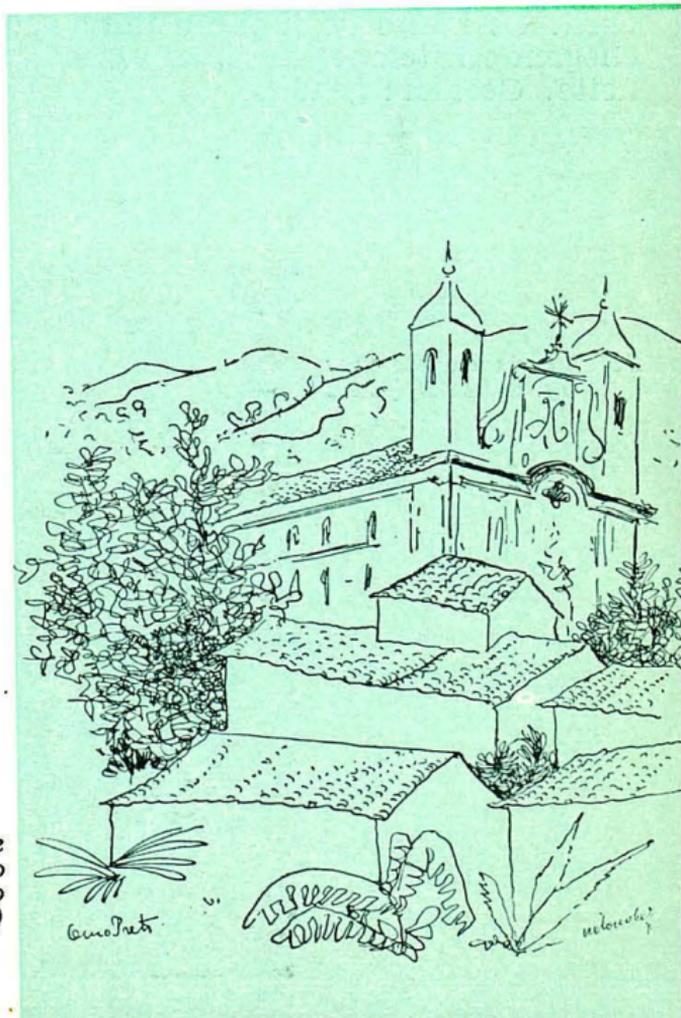
S. Francisco de Assis



FORMAÇÃO JUDICIÁRIA

A COMARCA de Vila Rica foi criada a 8 de julho de 1711, recebendo a designação de Ouro Prêto por fôrça da carta imperial de 20 de março de 1823.

Atualmente a Comarca de Ouro Prêto é de 3.^a Entrância.



Matriz de
N. S.^a da Conceição
(desenho de Antônio
Victorio R. Gomez)

ASPECTOS FÍSICOS

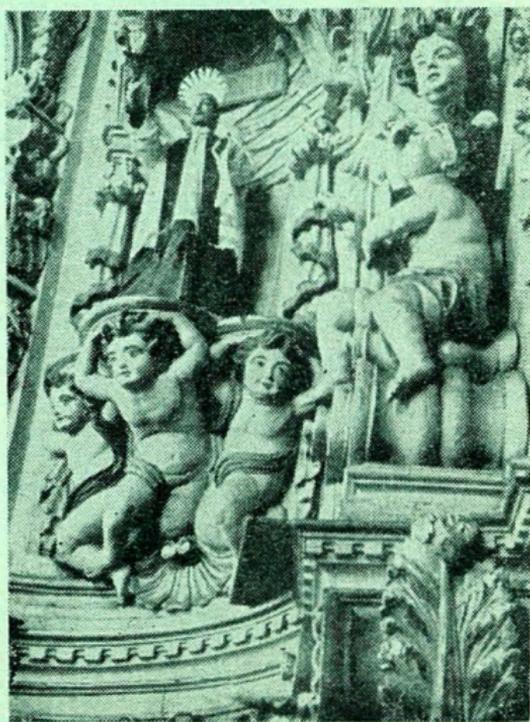
OURO PRÊTO, com uma área de 1.194 km², está situado na Zona Metalúrgica do Estado. A sede municipal dista, em linha reta, 68 km de Belo Horizonte — direção 41° 59' SE — e tem as seguintes coordenadas geográficas: 20° 23' 28" de latitude Sul e 43° 30' 20" de longitude W. Gr.

Situa-se a cidade na parte norte do vale do ribeirão do Funil, onde se levanta a serra de Ouro Preto, que atinge quase 1.600 metros. Ao sul ergue-se outra cadeia de montanhas, sobressaindo o pico do Itacolomi. Entre as serranias estende-se amplo vale, com elevações que variam entre 1.100 a 1.150 metros.

Além do ribeirão do Funil, banham o Município os rios das Velhas, Piracicaba, Gualaxo e Mainart.

O clima é tropical com tendência para temperado. A temperatura, em média, ficou, em 1967, entre 6°C em julho, no inverno, e 29°C em janeiro, no verão. O período das chuvas vai de outubro a abril. Os meses de junho e julho são os mais frios, chegando a temperatura, às vezes, a 2°C, durante a noite. Ocorrem geadas.

*Detalhe da Capela-mor
Ig. Santa Efigênia*



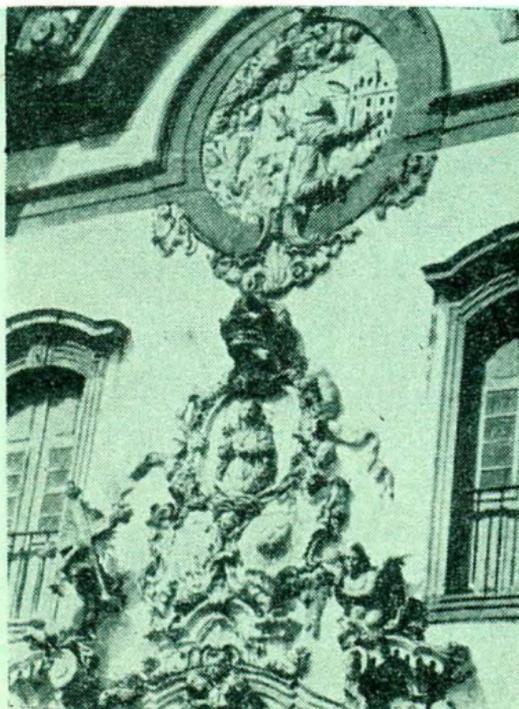
 CIDADE MONUMENTO

A feição urbana de Ouro Preto não resultou de qualquer planejamento técnico.

As casas foram levantadas umas pegadas às outras, formando, praticamente, um bloco único ao longo das calçadas estreitas. Lembram as casas portuguesas, embora apresentem características próprias, determinadas por diversos fatores: o espírito do mineiro da época, o clima, o material, a condição econômica. A arquitetura colonial de Ouro Preto, tal como a vemos hoje, começou a ter caráter permanente e um estilo próprio no século XVIII, e foi na mesma centúria que mais se desenvolveu.

A construção civil dessa época perdura praticamente intacta até hoje. Casas de dois andares, com janelas retangulares guarnecidas de pedras e ombreiras de madeira, bandeiras com desenhos variados, vidraças e guilhotina, rótulas, balcões e sacadas com grades de ferro forjado e madeira torneada, telhados velhos e sinuosos, com beirais e cornijas, velhos oratórios e luminárias nas esquinas.

A cidade, no entanto, não apresenta aspecto de decadência. Suas residências, prédios públicos, igrejas e chafarizes ostentam uma vitalidade que pare-



Trabalho do Mestre Aleijadinho — Pórtico da Igreja de São Francisco de Assis
1777/1779

ce ainda disposta a enfrentar o futuro. Com quase dois séculos de existência, essa arquitetura não parece sentir o peso dos anos, que ficaram apenas marcados na forma e nas linhas da cidade antiga. A cidade de Ouro Preto conseguiu trazer intacta até o presente a imagem viva e encantadora de sua criação original. Atualmente, preservada pela lei e pela índole conservadora do mineiro, a cidade mantém sua feição colonial, seus tesouros artísticos, seus monumentos históricos, e é, para quem a visita, um caminho de retôrno ao passado.

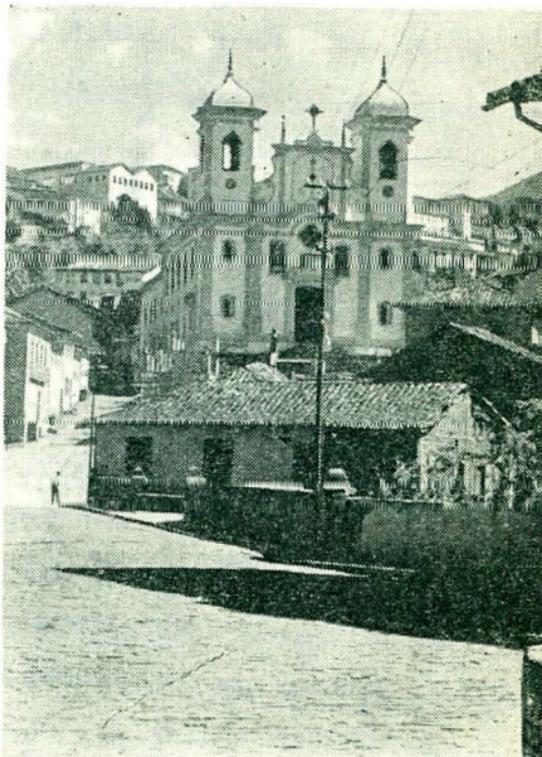
A bibliografia sôbre Ouro Preto e seus monumentos é vasta. O visitante pode dispor, hoje, do "Guia de Ouro Preto", de Manuel Bandeira, onde encontrará informações preciosas e completas sôbre a cidade, sua história, seus monumentos e seus aspectos curiosos.

*"E avulta apenas, quando a noite de mansinho
Vem, na pedra-sabão, lavrada como renda,
— Sombra descomunal, a mão do Aleijadinho"*

MANUEL BANDEIRA

AS IGREJAS

*Matriz de N. S.^a da
Conceição, onde se
encontra enterrado o
Aleijadinho*



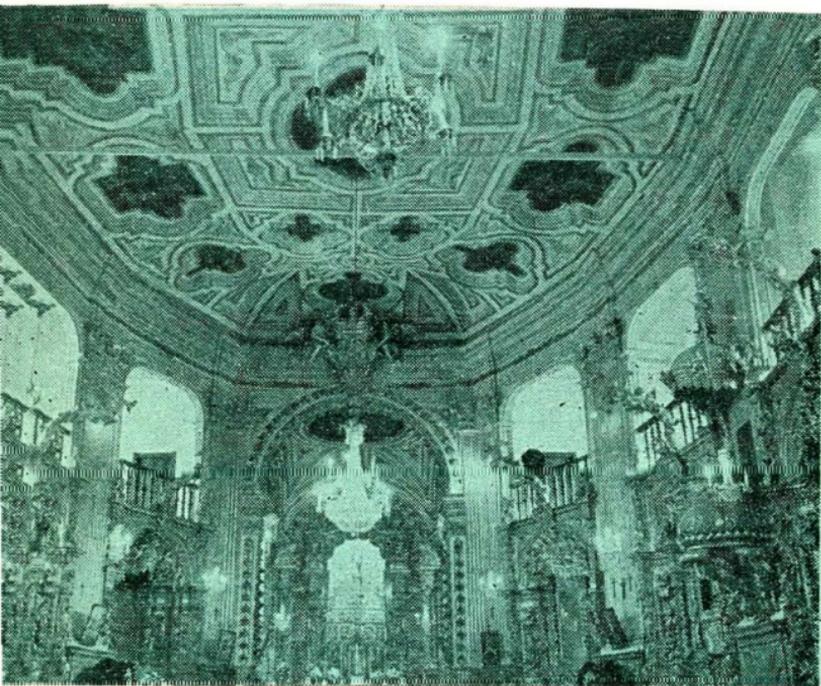
A ARTE barroca de Ouro Prêto, presente em tôdas as suas igrejas, atingiu seu maior esplendor no século XVIII, quando foram construídos os principais templos, quase todos enriquecidos pela arte de Antônio Francisco Lisboa — o Aleijadinho.

Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias (Matriz) — Construída em tórno da primitiva capela, erigida por Antônio Dias em 1699. Construção iniciada em 1727 e concluída depois de 1760, quando a talha de altar-mor foi contratada com Felipe Vieira. Projetada e construída sob a responsabilidade de Manoel Francisco Lisboa, pai do Aleijadinho. No interior da igreja há oito altares laterais, com admiráveis relevos em madeira, apresentando motivos ornamentais diferentes. Encontram-se aí belos exemplos da torêutica barroca, destacando-se as imagens de S. Francisco de Paula e de S. Roque. No altar-mor desperta especial atenção uma alegoria apocalíptica acima do retábulo (uma fortaleza, da qual surge uma águia, que tem por cima a coroa de rainha, significando o Cristo nascido da Virgem) e, no alto do trono, a imagem da Conceição, modelada segundo a "Conceição", de Murilo, e doada em 1893 pelo Coronel Cícero Pontes. Nessa igreja

foi sepultado o Aleijadinho, falecido a 18 de novembro de 1814.

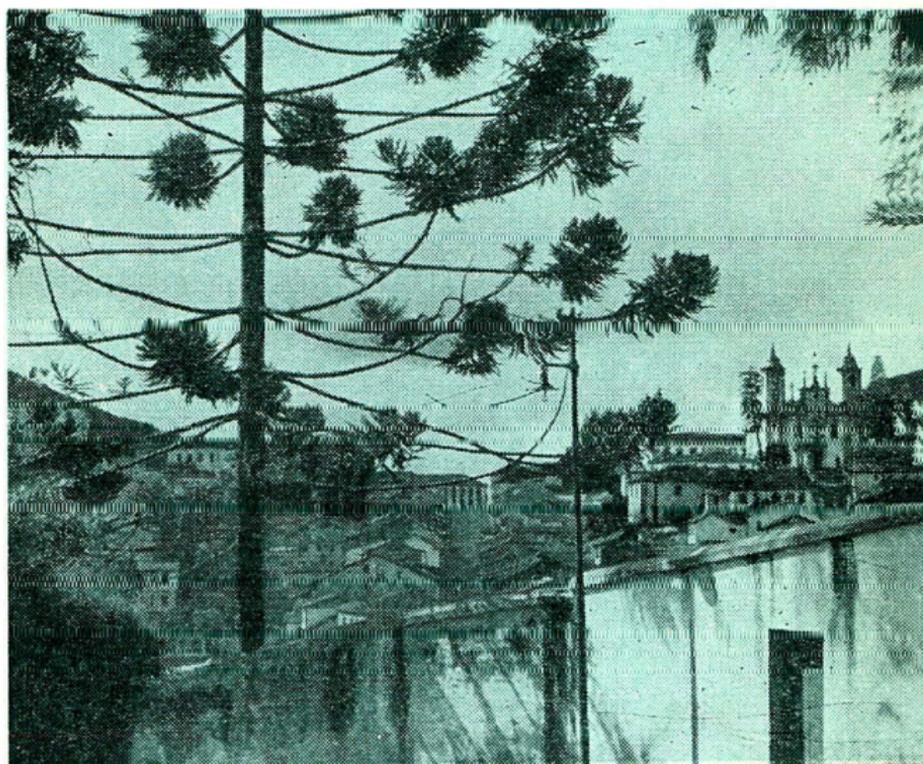
Nossa Senhora do Pilar (Matriz do Fundo de Ouro Preto) — Com desenhos e sob a direção do arquiteto Pedro Gomes Chaves, foi a obra iniciada, em torno da primitiva capela, por volta de 1720. As tórres, entretanto, só foram terminadas em 1848. Em seu interior, tudo é dourado, mesmo aquilo que o óleo coloriu posteriormente. A nave dispõe de seis altares laterais e é toda cercada de camarins com balaustres torneados de jacarandá. Alguns autores incluem os elementos decorativos do barroco dessa igreja entre os mais genuínos e mais ricos dos existentes em Minas Gerais. Os altares laterais, elaborados em magnífica talha dourada, apresentam anjos bem proporcionados e envoltos em folhagens. O altar-mor (obra de talha de Francisco Xavier Brito) é também ornamentado com anjos e folhagens em ascensão para o tímpano, sêbre o qual assenta a representação da Trindade. No teto e nas paredes vêem-se painéis reproduzindo cenas bíblicas.

Interior da Igreja do Pilar, onde se encontra o Museu de Prata



A igreja possui ainda belíssimos paramentos e móveis de grande valor.

Igreja do Carmo — Construção iniciada em 1766 e concluída em 1772, segundo projetos de Manoel Francisco Lisboa. São dignos de nota nesta igreja as esculturas em pedra-sabão e talhas em madeira, os painéis de azulejos de legítima faiança pombalina, com pinturas alusivas aos episódios sacros da Ordem. As pinturas do teto são do pintor Angelo Clérico, e as esculturas da fonte da sacristia,



Ao fundo a Igreja do Carmo

do pórtico em pedra-sabão e dos arcos do côro são do Aleijadinho, assim como os dois altares laterais de S. João e de N. S.^a da Piedade. O risco e a douradura do altar-mor foram executados pelos alferes Manuel da Costa Ataíde. Possui a igreja do Carmo belos móveis, como os bancos e a cômoda da sacristia. Merecem especial atenção as portas interiores e as alfaias.

Igreja do Rosário (N. S.^a do Rosário dos Prêtos da Freguesia de N. S.^a do Pilar) — O projeto é atribuído a Antônio Pereira de Sousa Calheiros. Construída na segunda metade do século XVIII, destaca-se esta igreja pela forma, em que predominam as linhas curvas em seus três corpos. Lourival Gomes Machado assim o descreve: “Sua fisionomia externa, mesmo em pedra-sabão e medalhões elaborados, enquadra-se no barroco e constitui apenas uma ousadia arquitetônica...” A atual igreja foi construída em substituição à primitiva capela, erigida em 1709. Dessa capela permanecem ainda, no interior do templo, o frontal do altar-mor, as duas credências que estão no supedâneo e, no oratório da sacristia, as imagens de N. S.^a do Rosário, de S. Efigênia e de São Benedito. Do livro de compromisso, atualmente no Museu da Inconfidência, são os seguintes dados que sugerem o histórico da Irmandade Negra: “Tôda pessoa preta, ou branca, de um e outro sexo, fôrro ou cativo, de qualquer nação que seja, que quiser ser Irmão desta Irmandade irá à mesa do Escrivão da Irmandade pedir-lhe faça assentamento...” E mais adiante: “Haverá nesta Irmandade hu Rei e hua Rainha, ambos

*Igreja de N. S.^a do
Rosário*



prêtos de qualquer nação que sejam, os quais serão eleitos todos os anos...”

Igreja de Santa Efigênia (N. S.^a do Rosário dos Prêtos do Alto da Cruz do Padre Faria) — Ignora-se o autor do projeto. Há duas datas no frontispício, uma na peanha da imagem de N. S.^a do Rosário (1762) e outra na cruz no alto da fachada (1785). Possui o relógio mais antigo da cidade. Diogo de Vasconcelos, depois de informar que o velho relógio custou, em 1762, 290\$000, acrescenta: “Passam as gerações, o tempo muda, a sorte se altera, mas êle continua sereno, sem correr nem parar, num tom de duração, que parece eterno, a dar as suas horas, que tôda a cidade ouve, como já as ouviu a Vila Rica de outrora”. No interior destacam-se a talha de tapavento, obra de João Paulo Meira, os painéis da capela-mor, representando S. Luís e S. Francisco orando aos pés de Jesus crucificado, as pinturas do teto, representando os evangelistas, o altar-mor, com as imagens de Santo Elesbão, S. Camilo, Santa Efigênia e a primitiva N. S.^a do Rosário. A estranha história do Chico Rei está ligada à construção desta igreja: rei na África, foi aprisionado e transformado em escravo com tôda a sua tribo; ao chegar a Ouro Preto, para o trabalho nas minas, só lhe restava um filho, pois o resto de sua família morrera na travessia do Atlântico. Com trabalho, perseverança e energia Chico Rei forrou o filho e os sobreviventes de sua tribo, que por sua vez aju-

daram a forrar outros vizinhos da mesma nação. Fundaram um “Estado”, onde Chico era o rei; sua nova espôsa, a rainha; seu filho, o príncipe; sua nora, a princesa. Pertencia então, à coletividade, a riquíssima mina da Encardideira. Adotaram como padroeira Santa Efigênia, a cuja imagem prestavam culto na capela de N. S.^a do Rosário. No dia 1.º de janeiro o rei, a rainha e os príncipes, vestidos como tais, eram conduzidos à igreja para assistir à missa. Nessa época, as negras iam às festas do reinado com os cabelos recobertos de ouro em pó e, numa pia de pedra, que ainda hoje existe à entrada da igreja, lavavam a cabeça, entregando assim seu donativo anual.

Nossa Senhora das Dores — Eis o que diz dessa igreja Manuel Bandeira, em “Guia de Ouro Preto”: “Autoria desconhecida. Construção começada em 1788. Desprovida de interêsse histórico ou artístico. Possui uma torre central, que, arruinada, foi substituída por uma sineira de vêrga em semicírculo. A primitiva imagem de N. S.^a das Dores, de dois palmos, veio de Braga e foi feita pelo padre Manuel Martinho Pereira; a atual, de seis palmos, veio também de Braga. No consistório existe uma bela imagem antiga de N. S.^a da Piedade. No altar-mor, o único, há uma banqueta de seis castiçais de talha dourada e duas belas mesas de estilo D. João V”.

Nossa Senhora das Mercês e Perdões (Mercês de Baixo) — Concluída em 1772 e reconstruída em meados do século XIX. O altar-mor data de 1890. O livro da Receita e Despesa da Ordem registra o pagamento, em 1775, de seis oitavas de ouro ao Aleijadinho por trabalho executado para a igreja. Consta tratar-se da primitiva capela-mor. O mesmo livro registra o pagamento feito a Costa Ataíde por trabalho ainda não identificado. Manuel Bandeira informa que o sacristão Manuel de Paiva, que substituiu seu pai, contou-lhe que os quatro altares laterais vieram de uma igreja incendiada em Rio das Pedras e que os castiçais coroados de anjinhos são do tempo da capelinha do Bom Jesus dos Perdões.

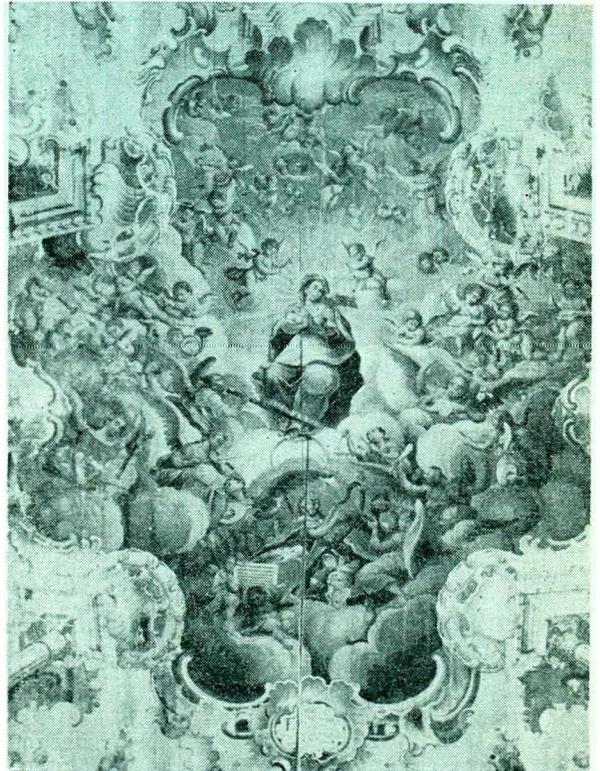
Igreja de São Francisco de Assis

Teto da nave da Igreja de São Francisco de Assis. Pintura de Manuel da Costa Athayde



Nossa Senhora das Mercês e Misericórdia (Mercês de Cima) — Construção iniciada em 1711. A fachada atual foi modificada em 1793, depois de concluída a igreja, desfigurando assim sua parte interna, conforme Manuel Bandeira. A entrada desperta atenção o medalhão da portada em lavra de pedra-sabão, representando a Virgem com os braços abertos, estendendo o manto de proteção aos cativos dos mouros, segundo o sonho do fundador da Ordem, São Pedro Nolasco. Há quatro altares laterais, onde se encontram as velhas imagens de N. S.^a dos Remédios, S. João Batista, N. S.^a do Rosário, Santa Luzia e S. José. No trono do altar-mor, a primitiva imagem de N. S.^a das Mercês. Os painéis da sacristia são recentes, pintados por Ângelo Clérico.

São Francisco de Assis — “Obra perfeita e acabada, a igreja de S. Francisco de Assis desta cidade não tem rival”, diz Diogo de Vasconcelos. Construção iniciada e concluída entre 1765 e 1810. Projeto de Antônio Francisco Lisboa — o Aleijadinho — cuja arte atingiu, neste templo, segundo alguns autores, seu ponto mais alto. É de sua autoria o risco da portada, trabalho realizado em pedra-sabão, composto de dois medalhões, um com as cinco chagas e outro com os cinco dados, embaixo de outro medalhão maior onde se vê a imagem de N. S.^a da Conceição. Acima está fixada uma coroa de rainha. No alto da fachada, em um medalhão circular e guarnecido de ornatos, aparece S. Francisco, de joelhos, recebendo os estigmas no Monte Alverne. No interior, o painel do teto da nave, representando a glorificação da Virgem, é obra de Manuel da Costa Ataíde. São do mesmo, também, as outras pinturas da nave e as da capela-mor, representando



os episódios capitais da vida de Abraão, papas que pertenceram à Ordem, uma Ceia e um lava-pés. Cinco telas que revestem o teto da sacristia (São Francisco levado ao céu pelos anjos, S. Maria Egípcíaca, Madalena e São Francisco) são atribuídos, por Diogo de Vasconcelos, a Ataíde. O tapa-vento é trabalho de Manoel Gonçalves e entre os entalhadores que executaram os seis altares laterais incluiu-se José Pinto de Souza. No altar-mor são dignos de nota a composição da Santíssima Trindade, que encima o retábulo, e o baixo-relêvo do frontal da urna. Tôda a capela-mor (barrete do teto, tribuna, altar-mor, retábulo dêste, púlpitos) são do Aleijadinho. Na Sacristia, destaca-se a fonte em pedrasabão, representação simbólica da Ordem de São Francisco.

São Francisco de Paula — Templo dos mais recentes da cidade. Construção iniciada em 1804 e terminada em 1878. Segundo Diogo de Vasconcelos, entretanto, êle só ficou inteiramente concluído em 1904. Situado no alto de uma colina, é visto de quase todos os pontos de Ouro Preto, com sua larga escadaria de pedra ladeada por quatro estátuas dos Evangelistas em louça de Santo Antônio do Pôrto. Manuel Bandeira inclui o tapa-vento desta igreja entre os mais belos de Ouro Preto. Dispõe de 6 altares laterais, que não apresentam a mesma riqueza de talha das outras igrejas. O altar-mor, de talha simples, apresenta imagem de S. Francisco de Paula, obra do Aleijadinho, ladeada por imagens em roca de S. Francisco de Assis e Santa Mônica.

Senhor Bom Jesus de Matozinhos (S. Miguel e Almas) — Não existem informações sôbre sua construção. Furtado de Meneses informa que existe nesta igreja um livro aberto e rubricado por Tomás Antônio Gonzaga em 4 de janeiro de 1785. Consta dêsse livro que a capela era dedicada aos SS. Corações de Jesus, Maria, José, Senhor dos Matozinhos, S. Miguel e Almas. A portada de Matozinhos, obra do Aleijadinho, é das mais belas de Ouro Preto. Trabalho em pedra-sabão, apresenta a imagem de S. Miguel Arcanjo dentro de um nicho e sob êste um baixo-relêvo representando o Purgatório. No interior são dignas de nota duas pinturas de Manuel da Costa Ataíde — uma Ceia e uma Crucificação. Na capela impressiona o visitante a imagem do Senhor no Sepulcro, em cuja fisionomia “estampa-se o poder da morte irresistível, e despótica, no próprio Deus” — segundo palavras de Aníbal Matos.

São José — Construção iniciada depois de 1752 e concluída em 1811, em substituição à capela primitiva. Em 1885 esta igreja foi reparada e o pintor Ângelo Clérici encarregado da pintura e douramento do altar-mor. São dêste mesmo artista as pinturas da sacristia, onde se encontra um interessante lavabo. Conforme documento existente no Museu da Inconfidência, foi Juiz da Irmandade Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, que contribuiu para as obras da igreja com um risco para o retábulo da capela e outro para a torre. Repousam no cemitério desta igreja os restos mortais do poeta Bernardo Guimarães.

AS CAPELAS

Capela do Padre Faria — Construída em meados do século XVIII. Furtado de Meneses a inclui entre as igrejas mais primorosas de Ouro Preto. Referindo-se ao altar-mor, assim se expressa Diogo de Vasconcelos: “é a jóia mais rica da cidade, para não me levarem em conta de exagerado compará-la a uma chapa de ouro aberta por anjos em maravilha de talha”. À frente da capela existe uma bela cruz pontificada, com 8,52 m de altura, e que traz a data de 1756.

Nossa Senhora das Necessidades — Ignora-se a data de sua construção. Está fechada há mais de cem anos. A imagem da padroeira encontra-se atualmente na capela do Padre Faria.

Nossa Senhora da Piedade — Na peanha da cruz lê-se a data de 1720. Está localizada entre as ruínas do arraial incendiado de Pascoal da Silva. Os altares laterais apresentam belo trabalho de talha. Conservam-se as primitivas imagens em madeira de Santana, N. S.^a do Rosário e N. S.^a do Carmo.

Nosso Senhor do Bonfim — Situada na rua da Glória. Aqui os condenados à morte, em fins do século XVIII, ouviam missa antes de serem conduzidos à fôrca. No século XIX a fachada sofreu modificações.

São João (Batista) — Construída, segundo reza a tradição, pelos descobridores da Serra, sendo, assim, o templo mais antigo de Ouro Preto. Foi, no entanto, reconstruída em 1749. Guarda na sacristia uma curiosa imagem em cedro.

São Sebastião — Furtado de Meneses nos informa: “Diz a tradição que uma e outra dessas capelas são antiquíssimas e que a de S. Sebastião foi construída a princípio muito mais para baixo na encosta da montanha, sendo reconstruída, no alto, nos meados do século XVIII”.

OS PASSOS

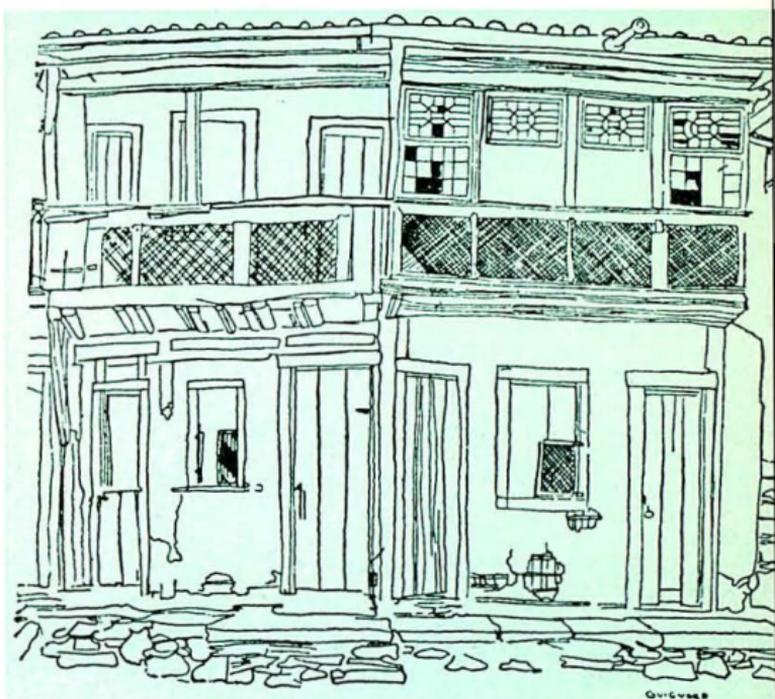
Os PASSOS são pequenas capelas onde a procissão do Encontro, na Semana Santa, faz rápidas paradas. Ouro Preto possui seis passos — o de Antônio Dias, o da praça Tiradentes, o da rua Tiradentes, o de São José, o da Ponte Sêca e um outro nas Cabeças. Êsses Passos foram construídos entre fins do século XVIII e meados do século XIX.

ORATÓRIOS PARTICULARES

Conta Furtado de Meneses que no início do século XVIII “a população da nascente Vila Rica foi alarmada pela aparição, ao cair da noite, de vultos sinistros que desciam das montanhas circunjacentes e faziam correrias com estranha algazarra tôda noite nas ruas estreitas”. Houve quem afirmasse ter visto êsses fantasmas, os quais tinham pés de pato, asas e chifres. Prêsa de terror e inquietação, a população pediu e obteve do Bispo licença para pôr oratórios nas casas, sobretudo nos prédios de esquina. Ao cair da noite, o povo se reunia diante dêsses oratórios e entoava cânticos para afugentar os maus espíritos. Na época era bem grande o número de oratórios em tôda a cidade. Atualmente restam apenas dois: o de N. S.^a do Bom Despacho, na esquina da rua Bernardo de Vasconcelos com a rua dos Paulistas, e o de Santa Cruz, na esquina da rua Barão do Ouro Branco com o Vira-Saia.

MONUMENTOS CIVIS

Casa dos Contos — Construção concluída em 1787. O projeto é atribuído por Diogo de Vasconcelos a Antônio Ferreira de Sousa Calheiros. Mandou-a construir João Rodrigues de Macedo, que ali residiu e estabeleceu a administração dos seus negócios de contratos das entradas e dízimos. Serve hoje à Administração dos Correios. Considerada por alguns autores o mais belo exemplar da construção civil de Ouro Preto. Nesta casa foi encontrado enforcado o poeta inconfidente Cláudio Manoel da Costa.



Sobrados da Cidade (Desenho de Guignard)

Palácio dos Governadores — Construído em meados do século XVIII, sob planta do sargento-mor José Fernandes Pinto de Alpoim, assinada em 13 de junho de 1741. A obra dos baluartes foi contratada em 1749 com Manuel Francisco Lisboa. O Palácio abrigou os governadores, desde Bobadela, os presidentes da Província e os presidentes republicanos até 1898, quando a capital se mudou para Belo Horizonte. Funciona hoje neste prédio a Escola de Minas.

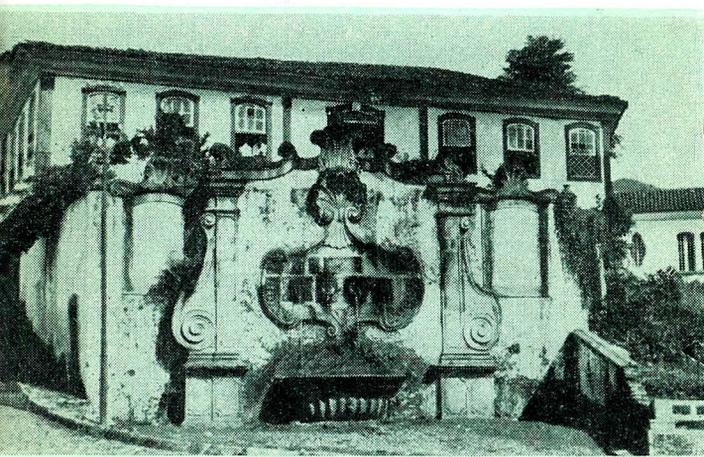
Antigo Paço Municipal (Museu da Inconfidência) — Construção iniciada em 1784 e concluída em 1846. O prédio serviu de paço municipal e cadeia. Abriga hoje o Museu da Inconfidência, criado pelo Decreto-lei n.º 965, de 20 de dezembro de 1938, no qual ficou assentado a instalação, pelo Governo Federal, de um museu em Ouro Preto, destinado a “coleccionar as coisas de várias naturezas relacionadas com os fatos históricos da Inconfidência Mineira e com seus protagonistas e, bem assim, as obras de arte ou de valor histórico que constituam documentos expressivos da formação de Minas Ge-



*Uma das seteiras do antigo
Palácio dos Governadores*

rais". O Museu guarda, desde 1942, os despojos dos Inconfidentes e reúne em seu acervo peças do mais alto valor artístico e histórico. O primeiro pavimento dispõe de nove salas, onde estão reunidos elementos da arte barroca e da arquitetura colonial, liteiras, serpentinas de arruar, objetos de uso doméstico, arreios, lanternas, lâmpadas a óleo. Salas especiais são consagradas ao Aleijadinho e aos Inconfidentes. Referentes a estes últimos, existem peças preciosas: autógrafos de Tiradentes e de outros conjurados, fragmentos da fôrça na qual foi morto Tiradentes, um mapa desenhado pelo poeta Cláudio Manuel da Costa, a edição original da Marília, de Gonzaga. No segundo pavimento há sete salas, nas quais estão recolhidas valiosas pinturas e imagens, variadas peças do mobiliário doméstico e religioso, obras de ourivesaria.

OS CHAFARIZES



Chafariz de Marília

A cidade de Ouro Preto é servida por excelente água potável. Manuel Bandeira, comentando as impressões do inglês Richard Francis Burton sobre a cidade, quando a visitou em 1867, acrescenta: "o latinista não perdoa o mau latim dos chafarizes". Citando os hexâmetros da fonte dos Contos, graceja: "A água é melhor que a latinidade. Aliás, seria difícil encontrar fora do século de Augusto, latinitude com a pureza da água de Ouro Preto". Essas velhas fontes, partes imprescindíveis da paisagem urbana local, trazem ainda hoje à cidade sua água pura e cristalina. São os seguintes os chafarizes existentes em Ouro Preto:

O da Rua da Glória — Traz a data de 1753. Restaurado em 1937 pela Inspeção de Monumentos Nacionais (IMN).

O do Rosário — Em ruínas atualmente. Falta-lhe o tanque e as torneiras. A cruz primitiva foi substituída por uma de cimento.

O da Matriz de Antônio Dias — Na rua de Antônio Dias.

O da Rua Barão de Ouro Branco — Traz a data de 1761.

O da Rua das Flores — Restaurado em 1937 pela IMN.

O do Largo de Marília — Construção iniciada em 1759. Reparado em 1935-36 pela IMN, sendo restabelecido o abastecimento de água.

O do Passo de Antônio Dias — Traz a data de 1752.

O dos Contos — Traz a data de 1760, embora a obra tenha sido rematada em 1745 por João Domingues Veiga. É o mais belo da cidade. Restaurado em 1935-36 pela IMN.

O do Jardim Botânico (hoje Instituto Barão de Camargo) — Aníbal Matos refere-se a este chafariz nos seguintes termos: "não é elegante pois lhe falta a devida altura em relação à largura".

O da Praça Tiradentes — Restaurado pela IMN, sendo restabelecido o abastecimento de água.

O do Alto da Cruz do Padre Faria — Construído em 1757.

O do Largo de Frei Vicente Botelho — Aníbal Matos considera-o singelo e belo, embora ostente uma cruz demasiadamente grande para sua forma arquitetônica.

O do Alto das Cabeças — Obra arrematada em 1763 por Francisco de Lima.

O do Pissarrão — Construção arrematada por Manuel Francisco Lisboa em 1758.

AS FONTES

A do Alto do Padre Feijó
(Fonte de Moças) — Construída
em 1742 por João Domingues
Vieira.

A do Fundo do Padre Faria
— Obra arrematada em 1744
por João Domingues Vieira.

A de Henrique Lopes —
Executada por Luís Fernandes
Calheiros em 1739.

AS PONTES

Os córregos de Ouro Prêto, formados pelas águas que descem das montanhas, motivaram a construção de inúmeras pontes, que foram surgindo à medida que a cidade crescia. São as seguintes as velhas pontes de Ouro Prêto:

Do Rosário ou do Caquende — Construída em meados do século XVIII. Possui uma grande arcada e tem na balaustrada uma cruz.

Do Funil e da Barra — Ambas sobre o ribeirão do Funil. A segunda data de 1806.

Dos Contos — Construída em 1744-45.

Do Antônio Dias — Também chamada de Marília. Data de 1755.

Do Padre Faria — Construída em meados do século XVIII. Em 1937 foi restaurada pela IMN.

Do Ouro Prêto ou do Pilar — Construção de 1757.

Do Xavier — A atual é recente. A primitiva era de madeira.

Do Palácio Velho e Ponte Sêca.

MONUMENTO A TIRADENTES

ERGUE-SE na Praça da Inconfidência, tendo sido inaugurado em 21 de abril de 1892. Seu autor foi Virgílio Cestari. Tem 19 metros de altura e 196 metros quadrados de base. A figura de Tiradentes, fundida na Itália, mede dois metros e oitenta e cinco centímetros. Assim a descreve Anibal Matos: "Sua barba e seus cabelos compridos dão-lhe o aspecto do Nazareno. A alva cobre-lhe o corpo e o baraço coleia-lhe o pescoço. Impassível e silenciosamente ouve a leitura de sua sentença de morte".



Casa de Thomaz Antônio Gonzaga

Antiga casa de Marília



CULTURA

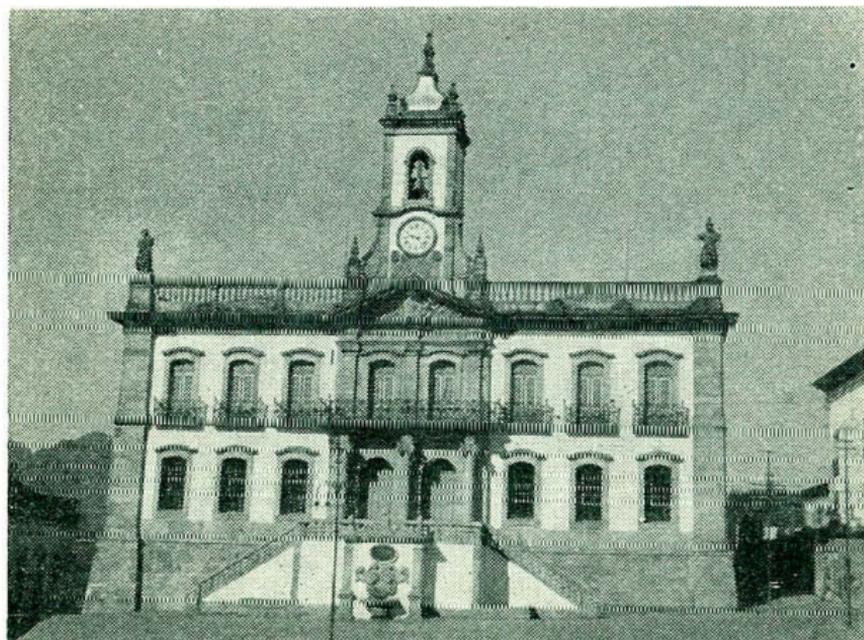
HÁ dez bibliotecas, destacando-se entre elas a da Escola Federal de Minas de Ouro Preto, com quase 15.500 volumes catalogados e a da Escola de Farmácia de Ouro Preto (especializada), com 7.200 volumes.

Edita-se uma publicação, a "Revista da Escola de Minas", duas por semestre, de caráter técnico.

A Rádio Cultura de Itabirito Ltda. transmite em ondas médias na frequência de 1.490 kcs.

Existe ainda 1 jornal, bimensal; 2 livrarias; 4 cinemas e 1 teatro municipal, além de 15 associações culturais e esportivas.

Museu da Inconfidência



ENSINO

O MUNICÍPIO é centro de atração cultural, em virtude dos estabelecimentos de ensino secundário e superior que possui, abrigando grande número de estudantes, procedentes de vários pontos do país.

Primário

SEGUNDO o Censo Escolar de 1964, 80,6% das crianças de 7 a 14 anos (5.994) freqüentavam escola. É bom, portanto, o índice de escolaridade do Município em relação ao Estado (65,4%) e ao País (66,1%).

Foram recenseadas 15.700 crianças de 0 a 14 anos, das quais 7.440 estavam compreendidas entre 7 e 14 anos. Das primeiras, 5.807 estavam na área rural e das segundas, 2.840. Das que freqüentavam escola, 2.068 estavam na área rural.

Era de 85,3% a freqüência escolar nas áreas urbanas e suburbanas e de 72,8% nas rurais.

Havia 228 professôres regentes de classe, dos quais 48 em escolas rurais; 3 apenas eram do sexo masculino. Na regência de classe, havia 159 normalistas, sendo 5 na zona rural; 1 apenas do sexo masculino. Dos não normalistas 2 eram do sexo masculino.

Vinte e dois eram não regentes de classes, todos do sexo feminino, nas áreas urbana e suburbana.

Em 30 de abril de 1967, contava o Município com 65 unidades escolares de ensino primário. Havia 296 professôres e 8.065 alunos.

Médio

O ENSINO médio, em 1967, era ministrado por 6 unidades de ensino, com 163 professôres e 2.205 alunos.

Existiam 6 estabelecimentos de ensino médio: Dom Bosco — Ginásial (particular); Alfredo Baeta — Colegial e Normal (particular); Padre Lôbo — Comercial (particular); Escola Técnica Federal de Ouro Prêto — Mineração e Metalurgia; Colégio Estadual e Escola Normal Oficial de Ouro Prêto; e Colégio Arquidiocesano de Ouro Prêto.

Superior

CONTA Ouro Prêto com duas escolas de nível superior: Escola Federal de Farmácia e Bioquímica de Ouro Prêto, criada a 4 de abril de 1839, pelo Conselheiro Bernardo Jacinto da Veiga, e a Escola Federal de Minas de Ouro Prêto, instalada no antigo Palácio dos Governadores, com os cursos de: Engenharia Civil, de Minas, Metalurgia e Geologia. Estavam matriculados, em 1967, 495 alunos e lecionavam 88 professôres.

Cursos Avulsos

HAVIA, ainda, em 1966, 9 unidades escolares de ensino elementar e médio, com 50 professôres e 670 alunos.

FESTAS TRADICIONAIS

Cidade rica de tradições religiosas, Ouro Preto realiza na Semana Santa uma das mais belas celebrações, atraindo grande número de turistas.

Como festejos populares, o Município apresenta, anualmente, o Zé Pereira, na época do carnaval. Consiste de um grupo de pessoas trajadas de casacos e cartolas de diversas cores, e que percorrem as ruas tocando clarins e tambores, tendo a frente dois bonecos, com aproximadamente três metros de altura e que representam o Zé Pereira e uma baiana.

Há, ainda, o Festival de Arte de Ouro Preto; a Festa de Santa Cruz; o Festival do Inverno; a Semana da Cidade; o Aniversário da Cidade; festividades comemorativas do aniversário da "Escola de Minas" e o Festival de Música Sacra e Teatro.

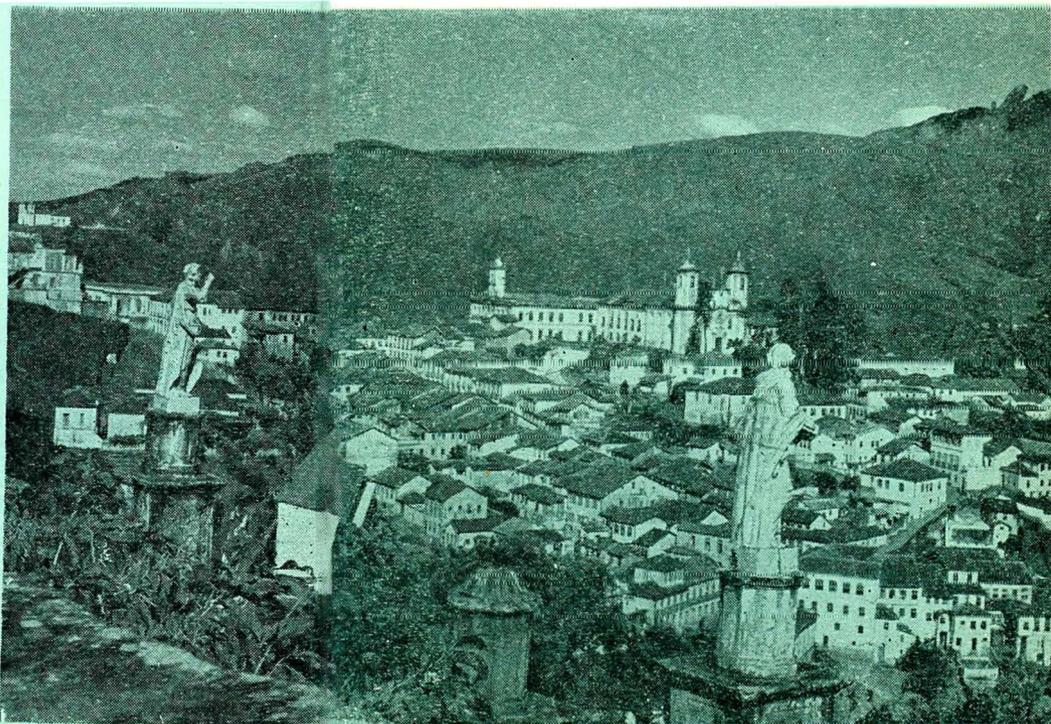
TRANSPORTES

OURO Prêto é servido pela Estrada de Ferro Central do Brasil, através da Linha do Centro e do Ramal de Ponte Nova, com um total de 12 estações.

Serve também o Município uma rede de 297 quilômetros de estradas de rodagem, sendo 10 sob administração federal, 141 estadual e 146 municipal.

Por ferrovia liga-se a: *Belo Vale*, via Miguel Burnier e Joaquim Murтинho, em 3 horas e 45 minutos; *Congonhas*, via Miguel Burnier e Joaquim Murтинho, em 3 horas e 30 minutos; *Conselheiro Lafaiete*, via Miguel Burnier e Joaquim Murтинho, em 3 horas; *Itabirito*, via Miguel Burnier, em 3 horas e 30 minutos; *Mariana*, em 50 minutos; *Belo Horizonte*, via Miguel Burnier, Sabará e General Carneiro, em 8 horas; e *Rio de Janeiro*, em 13 horas e 15 minutos.

Dista, em média, de rodovia, de *Belo Vale*, de automóvel, via Cachoeira do Campo, Itabirito, entroncamento da BR-3 e entroncamento da estrada de Belo Vale, 2 horas e 15 minutos; de *Congonhas*, de automóvel, via Cachoeira do Campo, Santo Antônio do Leite, Engenheiro Corrêa, Miguel Burnir, Lôbo Leite, entroncamento da BR-3, entroncamento da estrada de Congonhas, 1 hora e 40 minutos, ou de automóvel, via Cachoeira do



Ao fundo, o pico do Itacolomi

Campo, Itabirito, entroncamento da BR-3 e entroncamento da estrada de Congonhas, 2 horas; de *Conselheiro Lafaiete*, via Cachoeira do Campo, Itabirito e entroncamento da BR-3, 3 horas; de *Itabirito*, via Cachoeira do Campo, 50 minutos; de *Mariana*, via Passagem de Mariana, 15 minutos; de *Ouro Branco*, via Cachoeira do Campo, Santo Antônio do Leite, Engenheiro Corrêa e Miguel Burnier, 1 hora e 45 minutos; de *Santa Bárbara*, de automóvel, via Passagem de Mariana, Mariana, Camargos, Bento Rodrigues, Santa Rita Durão e Catas Altas, 3 horas; de *Belo Horizonte*, via Cachoeira do Campo, Itabirito e entroncamento da BR-3, 2 horas e 15 minutos; de *Brasília-DF*, via Belo Horizonte, 16 horas e 45 minutos e do *Rio de Janeiro-GB*, via Conselheiro Lafaiete, 8 horas e 30 minutos.

O REGISTRO de veículos na Prefeitura acusava, em 31 de dezembro de 1966, 207 automóveis, 193 utilitários, 29 camionetas para passageiros, 238 caminhões, 64 camionetas para carga, 14 basculantes, 21 ônibus e 24 outros veículos não especificados.



POPULAÇÃO

SEGUNDO estimativa do Laboratório de Estatística do IBE, em 1.º-7-1967 a população do Município era de 37.297 habitantes, com uma densidade demográfica de 31 habitantes por quilômetro quadrado.

O Recenseamento de 1960 havia acusado para o Município, população de 33.927 (58,7% na área urbana e suburbana), assim distribuída: no distrito-sede, 17.614 (83,6% na urbana); no de Amaranantina, 1.431 (32,4% na urbana); Antônio Pereira, 419 (70,6% na urbana); Cachoeira do Campo, 2.930 (50,9% na urbana); Glaura, 1.020 (48,1% na urbana); Miguel Burnier, 3.020 (36,5% na urbana); Engenheiro Corrêa, 750 (29,1% na urbana); Santa Rita de Ouro Preto, 3.662 (9,9% na urbana); São Bartolomeu, 1.930 (11,8% na urbana); e Santo Antônio do Leite, 1.151 (46,1% na urbana).

Assim 58,7% da população residia nas zonas urbanas da cidade e das vilas.

Observando os dois últimos censos verifica-se um crescimento na cidade de 68,2%.

Em relação ao Censo de 1960, verifica-se que a composição da população municipal segundo a religião e a nacionalidade era a seguinte: católicos romanos, 98%; brasileiros natos, 99,6%.

ECONOMIA MUNICIPAL

AS PRINCIPAIS atividades econômicas de Ouro Preto são a agropecuária, industrial e a comercial; esta última proveniente, em grande parte, do movimento turístico.

Censo Industrial

SEGUNDO o último Recenseamento, havia em 1960, em Ouro Preto, 114 estabelecimentos industriais, que ocupavam 1.815 operários, em média mensal. O valor da produção, em 1959, alcançava NCr\$ 1,5 milhão.

Pertenciam às indústrias extrativas de produtos minerais 34 estabelecimentos, que contribuíram naquele ano com 10,6% do valor total da produção.

Na indústria de transformação, destacava-se a metalurgia, com 79,0% do valor da produção, em 4 estabelecimentos. Bem distanciado vinha o gênero de minerais não metálicos, com 19 estabelecimentos, mas apenas 5,6% do valor.

Indústria Extrativa Mineral

JÁ em 1967 eram 60 os estabelecimentos da indústria extrativa mineral, que ocupava 5 ou mais pessoas, cada.

Constituem fontes de riqueza extrativa os seguintes minerais: dolomita, mármore, minério de ferro, minério de manganês, talco, bauxita e quartzo. Em 1966 a extração rendeu NCr\$ 4,9 milhões.

Indústria de Transformação

HAVIA, no Município, em 1966, 20 estabelecimentos de indústria de transformação, ocupando em conjunto 2.820 operários.

Contribuiu com 84% para o valor total da produção, nesse ano, a indústria metalúrgica, que forneceu ferro gusa, aço, ferro fundido, ligas de ferro cromo, ligas de ferro silício, ligas de ferro manganês, ligas de ferro Spiegel e alumínio (lingotes, estrelas, grenalha, alumina calcinada e cabos condutores de eletricidade).

A estimativa da produção industrial para 1967 era de NCr\$ 80,0 milhões.

Abate de Gado

FORAM abatidos, em 1965, 4.699 suínos (97 leitões) e 1.957 bovinos (884 vacas) resultando 777,3 toneladas de produtos, no valor de NCr\$ 797,7 milhares.

A carne verde de bovino rendeu 326 t e contribuiu com 40,1% para o valor, o toucinho fresco, 276 t e 37,4%, a carne verde de suíno, 139 t e 22,0% e o couro sêco e salgado de bovino, 36 t e 0,5%.

Agricultura

O CENSO Agrícola de 1960 registrou 590 estabelecimentos, com a área total de 26.723 hectares, dos quais 2.306 ha eram destinados à lavoura (649 permanentes) e 13.266 ha a pastagens (12.813 naturais).

Segundo os grupos de área, havia 326 estabelecimentos de menos de 10 ha, 212 de 10 a menos de 100 ha, 50 de 100 a menos de 1.000 ha, 1 de 1.000 a menos de 2.000 ha, e 1 de 2.000 a menos de 5.000 ha.

O pessoal ocupado compreendia 1.798 homens (1.410 de 14 anos e mais) e 662 mulheres (438 de 14 anos e mais).

Existiam 335 estabelecimentos cuja atividade principal era agricultura e agropecuária, 202 a pecuária, 24 a horticultura e floricultura, 21 a extração vegetal, 4 a invernada e campos de engorda, 2 a avicultura, 1 a apicultura, cunicultura e sericicultura e 1 a atividade de experimentação.

A produção agrícola, em 1965, utilizou uma área de 5.280 ha alcançando a produção o valor de NCr\$ 983,8 milhares.

A maior área ocupada, 3.920 ha, era destinada ao milho, que rendeu 5.460 toneladas e contribuiu com 41,6% para o valor. A seguir a batata-inglês, ocupando 390 ha, rendendo 2.340 t e 23,5%, e em terceiro lugar, a laranja, com 280 ha, 33.240 mil frutos e 13,5% do valor.

Incluem-se, ainda, alho, mandioca, feijão, cebola, uva, tomate, batata-doce, banana, cana-de-açúcar, amendoim, chá-da-Índia, limão, café, fava e frutas de mesa.

Ouro Preto produz um dos melhores tipos de chá-da-Índia no Brasil.

O IBRA cadastrou, em 21-3-967, 2.582 imóveis rurais.

Pecuária

A POPULAÇÃO pecuária é formada em grande parte de gado comum.

Os bovinos, principal rebanho, são destinados ao corte nos matadouros locais, ao trabalho da lavoura e à produção de leite e derivados.

Em 1965, os efetivos pecuários se avaliavam em NCr\$ 2,3 milhões, num total de 25.815 cabeças, assim discriminadas: bovinos, 13.960 cabeças, suínos, 6.430, muares, 2.950, eqüinos, 1.980, caprinos, 280, ovinos, 170, e asininos, 45 cabeças.

Os rebanhos bovino e suíno contribuíram com 63,1% e 19,7%, respectivamente.

Comércio e Bancos

OURO Preto conta com cerca de 229 estabelecimentos comerciais, entre os quais 152 varejistas e 1 atacadista.

A rede bancária é formada por 6 agências: Banco da Lavoura de Minas Gerais, Banco de Minas Gerais, Banco do Estado de Minas Gerais, Comércio e Indústria de Minas Gerais e do Brasil, além das agências das Caixas Econômicas Federal e Estadual.

Os saldos das principais contas bancárias, em 31 de dezembro de 1965, eram (em milhares de cruzeiros novos): caixa, em moeda corrente, 121,8; empréstimos em contas correntes, 296,5; títulos descontados, 1.386,0; depósitos à vista e a curto prazo, 3.384,1; e depósitos a prazo, 211,7.

A Câmara de Compensação de Cheques, em 1966, movimentou 68.109 cheques, no valor total de NCr\$ 18,0 milhões. O valor médio por cheque foi de NCr\$ 263,62. No primeiro semestre de 1967, foram compensados 35.882 cheques, no valor de NCr\$ 11,6 milhões.

O Município exporta seus minérios e produtos industrializados para os mais variados pontos do País.

*Rua de Ouro Preto
(Desenho de José Maria F. Machado)*



SAÚDE

Ouro Preto dispõe de um hospital com 136 leitos, além do Posto de Saúde e do Ambulatório do INPS.

Estão em atividade profissional, 8 médicos, 11 dentistas e 4 enfermeiros. Servem a população 10 farmácias e drogarias.

FINANÇAS

EM 1966, a União arrecadou, em Ouro Preto, NCr\$ 2,1 milhões, o Estado NCr\$ 4,5 milhões e o Município NCr\$ 226,5 milhares (155,1 milhares da renda tributária).

A despesa municipal no mesmo ano foi de NCr\$ 226,5 milhares.

O orçamento municipal para 1968 prevê receita de NCr\$ 2,7 milhões e fixa igual despesa.

OUTROS ASPECTOS DO MUNICÍPIO

Há na cidade 2.259 prédios servidos pela rede de abastecimento de água e 1.589 pela rede de esgotos. A rede de energia elétrica é constituída de 2.572 ligações, na voltagem de 110 e frequência de 60 ciclos/segundo. Contam-se 218 logradouros públicos em 18 bairros, com 3.100 prédios.

Existiam 398 aparelhos telefônicos instalados, em 31 de dezembro de 1966.

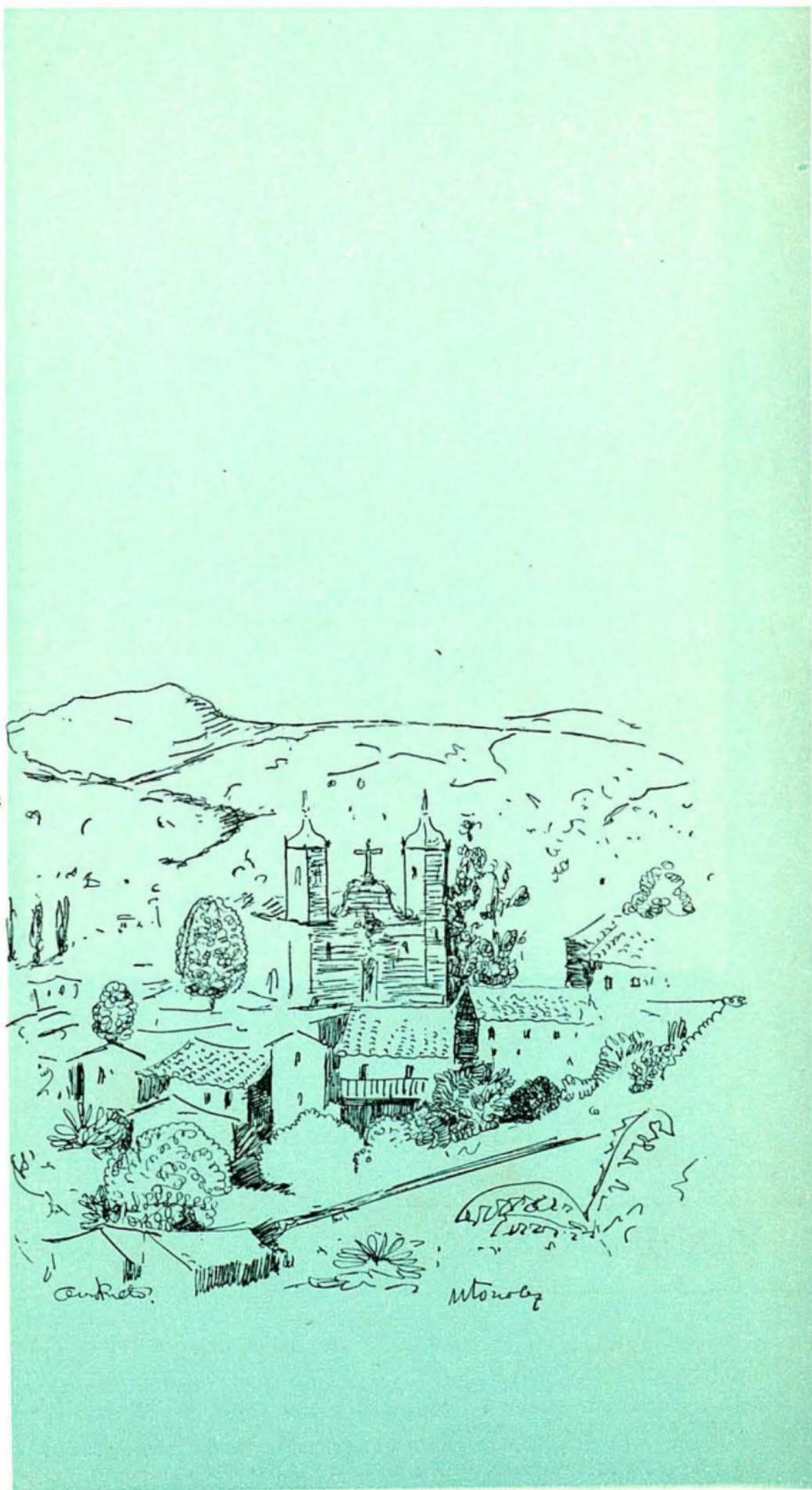
Ouro Preto dispõe de 7 hotéis, destacando-se o "Grande Hotel", de arquitetura moderna, que figura no ambiente local, como elemento original e contrastante do Brasil de hoje, e o "Pousada Ouro Preto", de maior requinte, em casarão antigo, decorado com móveis coloniais autênticos. Conta, ainda, o Município com 2 pensões, 14 restaurantes, 17 salões de barbeiro, 3 salões de cabeleireiros e 88 bares e botequins.

Entre os profissionais liberais em atividade citam-se 3 advogados e 1 engenheiro (Além de 80 no magistério e nas siderúrgicas).

Estão sediadas em Ouro Preto, entre outras repartições públicas, duas coletorias, uma federal e outra estadual, uma agência dos Correios e Telégrafos e 4 sindicatos.

O Legislativo local compõe-se de 13 vereadores. Contavam-se 12.911 eleitores inscritos, até 31 de dezembro de 1966.

Vista parcial
(Desenho de Antônio Victorio R. Gomez)



DOCUMENTAÇÃO

As informações divulgadas neste trabalho foram, em maior parte, aproveitadas da edição anterior de Erasmo Catauli Giacometti, além de dados fornecidos pelo Agente Municipal de Estatística, Omar de Siqueira e por diversos órgãos do sistema estatístico brasileiro.

Colaborou neste trabalho, inclusive fornecendo tôdas as fotos, o Departamento de Turismo de Ouro Preto.

COLEÇÕES DE MONOGRAFIAS

5.^a série A

400 — Uruguaiana, RS. 401 — São José dos Campos, SP. 402 — Araponga, PR. 403 — Ouro Preto, MG.

2.^a série B

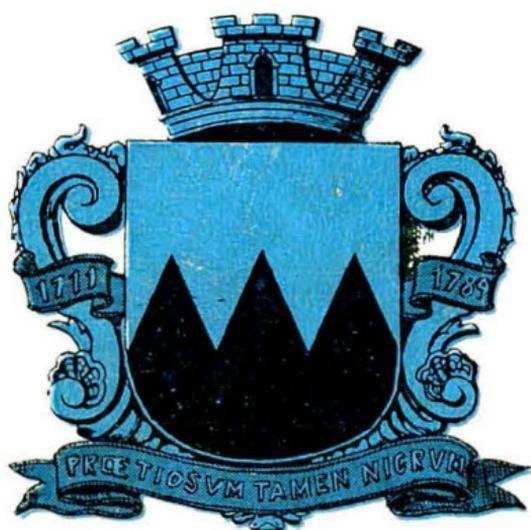
101 — Maruim, SE. 102 — Cruz das Almas, BA. 103 — Jataí, GO. 104 — Florânia, RN. 105 — Santa Rita, PB. 106 — Pato Branco, PR. 107 — Xanxerê, SC. 108 — Piracuruca, PI. 109 — Linhares, ES. 110 — Pendências, RN. 111 — Cariacica, ES. 112 — Teófilo Otoni, MG. 113 — Iguatu, CE. 114 — Goianinha, RN. 115 — Neópolis, SE. 116 — Capela SE. 117 — Jacupiranga, SP. 118 — Nova Lima, MG. 119 — Candeias, BA. 120 — Castanhal, PA. 121 — Mimoso do Sul, ES. 122 — Cachoeira do Arari, PA. 123 — Guadalupe, PI. 124 — Delmiro Gouveia, AL. 125 — Caracarái, RR. 126 — Mazagão, AP. 127 — Amarante, PI. 128 — Niquelândia, GO. 129 — Marechal Deodoro, AL. 130 — Amapá, AP. 131 — Igarapé-Miri, PA. 132 — Rio do Sul, SC. 133 — Itamonte, MG. 134 — Domingos Martins, ES. 135 — Bom Jesus, RS. 136 — Conceição da Barra, ES.

FUNDAÇÃO IBGE

Presidente: Sebastião Aguiar Ayres

INSTITUTO BRASILEIRO DE ESTATÍSTICA

Diretor-Superintendente: Raul Romero de Oliveira



Acabou-se de imprimir, no Serviço Gráfico da Fundação IBGE, aos vinte e três dias do mês de fevereiro de mil novecentos e sessenta e oito.